

**ABANDONO DO USO DE DROGAS ILÍCITAS POR ADOLESCENTE: IMPORTÂNCIA
DO SUPORTE FAMILIAR**

Edyr Marcelo Costa Hermeto^a

José Jackson Coelho Sampaio^b

Cleide Carneiro^c

Resumo

A pesquisa refere-se às possibilidades de apoio comunitário às famílias para que adolescentes moradores da Comunidade do Bom Jardim, Fortaleza, Ceará, possam abandonar o uso de drogas ilícitas. A família do usuário de drogas ilícitas apresenta, com muita frequência, além de história de múltiplas vulnerabilidades socioeconômico-culturais, grandes dificuldades em propiciar aos filhos o estímulo necessário à conquista da independência e da autonomia. O método utilizado é qualitativo, descritivo, exploratório, numa perspectiva analítico-crítica. Com base em estudo anterior realizado com os adolescentes acompanhados na Comunidade, por meio de técnica de observação direta e grupo focal, dez mães foram abordadas por meio de entrevistas estruturadas. O procedimento foi acompanhado do registro de impressões, por parte do pesquisador, em diário de campo. A análise dos resultados seguiu os procedimentos de Análise de Discurso. Os resultados encontrados indicam que as famílias representadas pelas mães incluídas na pesquisa pertencem a um contexto amplo, gerador de influências complexas, e podem sair da condição de responsáveis pelo abuso, para uma atitude claramente positiva, quando compreendem a dependência química como doença e apoiam de modo firme o processo de cuidado desenvolvido por uma equipe terapêutica motivada por uma perspectiva psicossocial ativa.

Palavras-chave: Drogas Ilícitas. Adolescentes. Família.

^a *Terapeuta Ocupacional, Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Mestre em Saúde Pública (CCS/UECE). Docente do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional (UNIFOR). edyr@unifor.br; edyrcosta@hotmail.com*

^b *Médico (FM/UFC). Mestre em Medicina Social (IMS/UERJ). Doutor em Medicina Preventiva (FMRP/USP). Professor Titular em Saúde Pública, líder do Grupo de Pesquisa "Vida e Trabalho", docente do Curso de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública e Diretor do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará (UECE). sampaio@uece.br; sampaio.jc@oi.com.br*

^c *Assistente Social (ITE/Bauru). Mestre e Doutora em Serviço Social (UNESP/Franca). Docente do Curso de Graduação em Medicina (UECE). cleide@vol.com.br*

Endereço para correspondência: Avenida Parajana, s/n, Passaré. Departamento Serviço Social, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará. CEP: 60740.000.

THE CESSATION OF ILICIT DRUGS USE BY THE ADOLESCENT: THE IMPORTANCE OF FAMILY SUPPORT

Abstract

The research refers to the possibilities of communitary support to families SO that adolescents living in Bom Jardim Community, Fortaleza, Ceará, may cease to use illicit drugs. The family of the user of illicit drugs presents, very often, besides a history of multiple socio-economic-cultural vulnerabilities, huge difficulties in propitiating to their children the stimulus need to achieve independence and autonomy. The method used is qualitative, descriptive, exploratory, in an analytic-critic perspective. From the former study done with adolescents accompanied in the Community, through a technique of direct observation and focal group, 10 mothers were approached by structured interviews. The procedure was accompanied by the register of impressions, by the researcher, in a field diary. The analysis of the results followed the procedures of Speech Analysis. The results found indicate that the families represented by the mothers included in the research are pertinent to a broad context, generator of complex influences, and can leave the condition of responsible by abuse, to a clearly positive attitude, when they comprehend the chemical dependence as a disease and support in a firm way the process of care developed by a therapeutic staff motivated by an active psychosocial perspective.

Key words: Illicit drugs. Adolescents. Family.

EL ABANDONO DEL CONSUMO DE DROGAS ILÍCITAS EN ADOLESCENTES: LA IMPORTANCIA DEL APOYO FAMILIAR

Resumen

La investigación se refiere a la posibilidad de apoyo comunitario a las familias de los adolescentes que viven en la comunidad de Bom Jardim, Fortaleza, Ceará, para que puedan abandonar el uso de drogas ilícitas. La familia de los usuarios de drogas ilícitas presenta, con demasiada frecuencia, además de una historia de múltiples vulnerabilidades socio-económicas-culturales, grandes dificultades en ofrecer a sus hijos el estímulo necesario para el logro de la independencia y la autonomía. Se utilizó el método cualitativo, exploratorio y descriptivo, en perspectiva analíticocritica. Baseado en estudio previo realizado con adolescentes en la comunidad, mediante la técnica de la observación directa y un grupo focal, fueron abordados 10 madres utilizando entrevistas estructuradas. El procedimiento fue acompañado por el registro de impresiones, por el investigador en el diario de campo. El análisis siguió los procedimientos del Análisis del Discurso. Los resultados indican que las familias representadas por las madres incluidas en el estudio representan un contexto amplio, generador de influencias complejas, y pueden dejar la condición de responsables del abuso a una actitud claramente positiva, cuando se entiende la adicción como una enfermedad y apoyan firmemente el proceso de cuidado desarrollado por un equipo de terapeutas motivada por una perspectiva psicosocial activa.

Palabras-clave: Ilícito de Drogas. Adolescentes. De la familia.

INTRODUÇÃO

A família é um grupo primário tão antigo quanto a própria história da espécie humana, mas suas características, funções e papéis modificaram-se ao longo do tempo, sob o peso de inúmeras modificações socioeconômicas, culturais e políticas. Na atualidade, perdeu papel econômico e centralidade no processo de socialização e organização hierárquica autoritária, tornando-se responsável pela educação da intimidade e pelo processo de desenvolvimento físico e psicológico de crianças e adolescentes, além de retaguarda emocional para todos.

A família é definida como um conjunto de pessoas ligadas por parentesco ou dependência, que estabelecem entre si relações de solidariedade, tensão, conflito e afeto. Não se trata de um grupo harmonioso e sereno, voltado para a satisfação de necessidades econômicas, mas de um agregado humano composto de indivíduos de sexos, idades e posições diferentes, que vivenciam um constante jogo de poder cristalizado pela distribuição de direitos e deveres, em âmbito microsocial.¹

Ao longo dos séculos, a família vem passando por modificações concernentes à composição, tamanho, funções, valores, costumes e distribuição interna de papéis e de poder. Tais modificações decorrem da relação da unidade familiar com a lógica macrosocietária, além de determinarem e de serem determinadas por mudanças culturais, objetivas e subjetivas, pelas lógicas de produção e distribuição de riqueza, de poder, de valores e de crenças.²

Na sociedade contemporânea, a família ocupa um papel diferente do que ocorria nas famílias do século XIX. Aquelas eram caracterizadas como patriarcais, extensas e verticais. A função paterna era marcada pela provisão familiar, cabendo à mulher a manutenção do lar e o cuidado dos filhos, em posição subordinada. A redefinição atual dos papéis, numa relação de interdeterminação sociedade-família, afeta gênero, faixa etária, classe social, escolaridade, relação com a mídia, domínio das novas tecnologias, exercício da autoridade, habilidade de obtenção de renda, compreensão do passado, visão de futuro e disponibilidades afetivas.

O modelo da família tradicional de classe média brasileira, que consagra uma divisão clara de papéis – em que geralmente o homem assume o trabalho remunerado, enquanto a mulher se dedica aos afazeres domésticos, como a administração da casa e os cuidados com os filhos – passa a não ser mais comum.³ Todas as mudanças da economia mundial resultaram, nos últimos anos, na redução dos empregos, no aumento da concorrência no mercado de trabalho, em novas formas de gestão, em práticas adequadas às novas tecnologias de produção, à hipertrofia da importância do setor de serviços, sobretudo os de cuidado e os simbólicos. Assim, surgiram empreendimentos capazes, também, de absorver a mulher, de modo cada vez mais extenso.

A entrada extensa da mulher no mercado de trabalho proporcionou um redimensionamento da estrutura familiar, suscitou movimentos em defesa da igualdade entre os sexos e, mais recentemente, do salário igual para funções iguais, no plano dos direitos abstratos e da luta política, embora, na prática, a remuneração feminina siga sendo inferior, em média, à masculina, para as mesmas funções.⁴ Como consequência das modificações ocorridas, emergem conflitos de múltiplas naturezas, pois homens e mulheres representam novos papéis na dinâmica familiar, redefinindo legitimações e levando as relações a assumirem formas mais flexíveis e heterogêneas.

No tocante ao fenômeno do abuso de drogas, é possível pensá-lo como ligado às experiências vividas na rotina familiar com base no pressuposto de que a dependência química estabelece-se mediante uma dinâmica relacional entre o sujeito, a droga e o contexto.⁵ Considerando-se o grupo familiar como a instância em que se desenvolvem as primeiras relações do indivíduo, este se interliga à família, que se interliga à sociedade, formando uma rede de interdeterminações múltiplas e complexas, em que a dependência química não pode ser entendida como fenômeno individual, mas sim como expressão de famílias que vivenciam uma cultura modelada pelo fetiche químico.⁵

Quando o indivíduo recorre à droga, esta transforma-se em uma espécie de refúgio fantástico, fazendo o papel de objeto de compensação de um amor que parece estar sendo recusado. Neste clima de infelicidade existencial gerado, em que traições, rompimentos, desrespeitos, temores, angústias e dificuldades emocionais constituem elementos do processo, o uso de drogas incorpora-se como uma possibilidade de expressão.⁶

As experiências vividas no cotidiano familiar, relacionadas aos sentimentos, à educação para a autonomia e para a compreensão dos limites, às experiências de liberdade e de responsabilidade podem constituir importantes fatores na proteção dos jovens, quanto à forma de se relacionarem com as ofertas químicas de prazer, liberdade e autossatisfação. Entretanto, não existe modelo competente para prevenir o abuso de drogas; o que parece existir são diferentes possibilidades de se constituírem relações singulares no contexto da cidadania e da saúde, focadas na produção de respeito, potência crítica, sentido de pertencimento e de amparo.

O presente estudo tem por objetivo compreender as possibilidades do suporte que um projeto social associado ao poder público pode oferecer às famílias, no que diz respeito ao abandono de drogas ilícitas por adolescentes de uma comunidade metropolitana brasileira, na perspectiva de mães de adolescentes atendidos.

MÉTODO

Considerando o objeto, o campo e o objetivo, elegeu-se a pesquisa descritiva qualitativa, exploratória, de estudo de caso, em perspectiva analítico-crítica.

A escolha do tratamento qualitativo decorre do fato deste apresentar-se como mais adequado ao estudo do problema, pois supre a necessidade de oferecer a possibilidade de uma investigação científica de objeto atravessado de crenças, ideologias e representações mutáveis, por meio da decodificação do conteúdo das falas dos sujeitos investigados. Para Minayo^{7:86}

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Mas os sujeitos, suas vivências e opiniões, ocorrem em certo lugar social, que constitui um campo concreto a ser apreendido. A técnica de estudo de caso constitui fonte de inspiração para os procedimentos, pois consiste em uma investigação determinada de um indivíduo, uma família, um grupo ou uma organização, que permite organizar dados sociais, preservando o caráter unitário de objeto social estudado. Refere-se à análise intensiva de uma situação particular, para investigar um fenômeno contemporâneo, no contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não se apresenta evidente.⁸

Este estudo foi realizado no Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ), situado em Fortaleza, Ceará. O MSMCBJ é uma entidade civil, sem fins lucrativos, de base comunitária e sem conotação político-partidária, que atua em associação ao poder público municipal, conveniando um Centro de Atenção Psicossocial.

Fizeram parte do estudo dez mães de adolescentes em acompanhamento no MSMCBJ e concordantes com a investigação, de modo livre e esclarecido. A escolha dos sujeitos pesquisados deu-se mediante escolha anterior, pois, dos 10 (dez) adolescentes que constituíram os sujeitos da Dissertação de Mestrado defendida pelo autor em 2008^d, as respectivas mães aceitaram participar deste estudo complementar. A concordância destas mães, somada ao vínculo estabelecido com o serviço de saúde e com o MSMCBJ, representado pelo acompanhamento sistemático dos processos terapêuticos de seus filhos, demonstra que elas são os atores sociais mais presentes na situação.

^d Hermeto EMC. *Abandono do uso de drogas ilícitas por adolescentes: o papel das atividades socioculturais*. [Dissertação]. Fortaleza (CE): Universidade Estadual do Ceará Fortaleza, 2008.

Para se conhecer as experiências dos sujeitos pesquisados neste estudo, suas percepções sobre o uso de drogas, as possibilidades de abandono do uso de drogas e o papel das famílias neste cenário, foram utilizados dois procedimentos fundamentais.

Uma entrevista estruturada foi aplicada às mães, com dez perguntas abertas, visando traçar o perfil clínico dos adolescentes em atendimento, compreender a dinâmica familiar dos sujeitos envolvidos (mães/adolescentes) e identificar a importância da família no resultado positivo dos processos terapêuticos focados no abandono do uso de drogas ilícitas pelos adolescentes. A entrevista

[...] desdobra duas discussões: a representatividade da fala, pois a fala é reveladora de condições estruturais de sistemas de valores, normas e símbolos, a qual transmite representações de um grupo determinado em determinada condição; e a relação pesquisador/pesquisado, pois a entrevista não é um trabalho unilateral, ou uma exploração, é uma interação social, em que os atores se afetam, se beneficiam e se prejudicam mutuamente. A entrevista pode colher representações social, categoriais de pensamentos que expressam, explicam, justificam ou questionam realidade.⁹⁻⁴⁵

Um diário de campo foi utilizado com o intuito de registrar impressões do pesquisador e informações colhidas fora dos instrumentos formais. Eventualmente, as opiniões do pesquisador em relação ao processo investigativo podem ser resgatadas. O diário de campo é um instrumento básico de registro de dados do pesquisador. Nele devem ser inscritos as atividades e o perfil dos envolvidos na pesquisa.¹⁰

Para analisar o material coletado, utilizou-se a técnica de análise de discurso, que consiste em compreender como os objetos simbólicos produzem sentido, mediante a análise dos próprios gestos de interpretação considerados como atos no domínio simbólico, pois intervêm no real do sentido.¹¹ Essa compreensão deve procurar a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permitir que se possam identificar outros sentidos que se encontram nas falas-texto, compreendendo como se constituem.

A coleta e análise dos dados só tiveram início após a aprovação do protocolo de pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará (UECE), regido pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Pesquisa em Saúde, e após terem sido recebidas as autorizações institucionais e individuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os significados expressos pelas mães, nas entrevistas, foram agrupados, depois da análise, em dois grandes temas, cada um referente a um momento do processo geral, como percebido:

1. *Desamparo familiar* – situação social e familiar precária, dificuldades de relacionamento dos pais, ausência do diálogo entre pais e filhos, provisão do sustento familiar centrado na mãe, presença de usuários de drogas e de traficantes pressionando o consumo, caracterizando o período anterior à vinculação dos adolescentes e de suas mães ao MSMCBJ.

2. *Amparo na comunidade* – compreensão, apoio, gratificação, acolhimento e estrutura familiar modificada, após a vinculação ao MSMCBJ, proporcionando resgate da autoestima, fortalecimento de novos vínculos e construção de um sentimento de amparo social.

DESAMPARO FAMILIAR

As mães entrevistadas identificaram sempre mais de um adolescente envolvido em problemas pessoais e sociais e demonstraram que a busca das drogas ilícitas e certo padrão de comportamento violento podem ter surgido como uma forma de protesto.

“Hoje minha família é desestruturada por causa da figura do pai, que é alcoólatra e também já foi viciado em drogas. Acho que meu filho foi buscar nas drogas o que não tinha em casa: amor, compreensão, afeto por parte do pai. O que me causa mais revolta é a tolerância por parte do meu esposo [...]” (Marta).

No discurso de Marta fica evidente o sentimento de revolta e protesto quando se reporta à figura de seu companheiro. Atribui a ausência da figura paterna bem como a tolerância do genitor com relação ao uso de drogas pelo filho, como fatores primordiais que proporcionaram a dependência química do filho, levando a uma desestruturação familiar.

Nas famílias desestruturadas, o uso de drogas pelos pais, ainda que lícitas ou ilícitas, bem como a tolerância com o consumo pelos filhos, pode constituir-se em um fator de risco para a indução à dependência química.¹² Da mesma forma, um ambiente familiar dominado por conflitos ou pela falta de critérios no estabelecimento de regras, assim como o desinteresse dos pais por aquilo que os filhos fazem, também representam fatores de risco.

No período que antecedeu à vinculação dos familiares ao MSMCBJ fica evidente o sentimento de desamparo e o permanente estado de impotência, por parte das mães, que acreditavam ser parte do problema e não sabiam o que fazer.

“Sou faxineira, tenho que trabalhar o dia todo, mas dava tudo a ele na medida do possível. Não sei se errei; só sei que fazia o que achava certo, mas tinha as más companhias. Eu falava delas e ele não escutava, era rebelde e tinha impulsos agressivos em casa e muitas vezes repetia o comportamento do pai, minha família é desestruturada.” (Rosa).

“Quando percebi que meu filho estava usando droga eu fiquei com muita raiva e revolta, não sabia onde eu tinha errado. Às vezes ele passava vários dias fora de casa, saía pela manhã e só retornava a noite [...] eu não aguentava tanto sofrimento. Cada vez que me aproximava dele tinha brigas e discussões. Minha família é marcada por brigas constantes e situação social ruim.” (Francisca).

Fica evidente, nas falas de Rosa e de Francisca, a mistura de consciência das dificuldades materiais com as incapacidades de formular saídas, reais ou simbólicas. Revolta, raiva e desamparo podem tomar forma de rejeição, de aceitação martirizada ou de mobilização para a luta. Ao longo das falas, fica evidente que as relações são frágeis, acidentais, com as mães, esposas de violentos e de alcoólatras, percebendo-se sem nenhum controle sobre os processos. Uma parte do grupo familiar transformou-se em vazio, imediatamente preenchido por raiva e culpa.

Nas classes populares, a família do usuário de drogas ilícitas apresenta outras histórias de dependência e uma grande incapacidade de lidar com os sentimentos vivos, tendendo ao compartilhar de carências de alimento, de vínculos sociais positivos e de trabalho emancipador. Essas famílias sofrem a dificuldade de propiciar aos filhos o estímulo necessário à conquista da autonomia e das relações humanas afetivas, não experimentadas como coisas.⁶

As falas também revelam que, juntamente com a ausência paterna ou sua presença complicadora, a situação econômica é profundamente precária. Às mães cabe o cuidado, a provisão do sustento e a responsabilidade de educar os filhos: tarefas vividas como incompatíveis. As longas jornadas fora de casa, para a caça dos recursos insumos da sobrevivência, impedem o cuidado, deixando, por exemplo, os filhos entregues a si mesmos e/ou a grupos de identificação, sintônicos – escola, programa social, igrejas etc. – ou distônicos – gangues, narcotraficantes, exploradores sexuais etc. Essas mães têm que passar a maior parte do tempo em trabalhos externos, como faxineiras, diaristas e os filhos ficam entregues a si próprios.

“Tinha que sair pela manhã de casa para trabalhar como diarista. Meu esposo é alcoólatra, passa a maior parte do tempo em casa só bebendo, não tinha ninguém para sustentar a casa [...] é esperar que Deus tome conta.” (Fátima).

“Atualmente trabalho fora como doméstica, para sustentar a casa. Meu esposo está desempregado. Mas ele não fica com os meninos, se sente bem na situação; sai pra se encontrar com os parceiros de farra [...] meus filhos menores ficam na responsabilidade dos meus filhos mais velhos, dos vizinhos, da sorte [...] Aí fica fácil a atividade dos elementos ruins...” (Marta).

A ruptura familiar está na origem da infelicidade existencial de um filho; as crises do casal, traições, o rompimento, o desrespeito, a falta de amor, a ausência dos pais na vida dos filhos, todos esses fatores estão diretamente ligados à busca dos jovens para as drogas, como forma de compensar a necessidade afetiva emocional. Recorrer à droga transforma-se em um refúgio momentâneo, pois esta faz o papel de objeto de compensação do amor que lhe é negado.⁶

O alcoolismo paterno parece fornecer explicação e modelo. É uma cultura química que foi construída nas famílias. Também a rebeldia, o protesto e a rejeição tomam forma química. Como diz uma das mães, “O pai é... era... voltou a ser... alcoólatra.” E não suporta nenhuma crítica, não suporta nenhum conflito.

“[...] meu esposo é alcoólatra e agressivo em casa. Acho que foi um dos pontos que levou meu filho a buscar as drogas [...]” (Rosa, e Sônia, e Fátima e outras).

As experiências vividas no próprio cotidiano familiar, como desafeto, falta de compromisso e falta de estabelecimento de limites e regras podem constituir-se em importantes fatores na busca pelas drogas lícitas ou ilícitas, como evidencia a fala acima, recorrente nos depoimentos coletados.¹³

O primeiro contato com as drogas é habitualmente atribuído à curiosidade. Depois ocorrem os incentivos dos colegas da escola, dos conhecidos da vizinhança e dos companheiros de bailes, forrós e baladas. Resistir aos vários convites para o consumo de álcool ou outras drogas torna-se tarefa difícil, especialmente para os adolescentes, sempre cheios de vontade de serem aceitos por um grupo, de terem confirmados seus sentimentos de pertencimento.

“Acredito que meu filho começou a fazer uso de droga por intermédio dos amigos aqui do bairro; passava a maior parte do tempo perambulando pelas ruas, com os amigos [...]” (Sônia).

“Culpo o uso de drogas do meu filho pelas companhias que arranjou aqui no bairro. Tem muita gente desocupada [...]” (Fátima).

Sabe-se que, ao passar para a adolescência, o jovem experimenta mudanças tanto fisiológicas como psicológicas. Ao lado das modificações de seu corpo, também surgem transformações nas percepções em relação a si próprio e aos outros.

Diante dessas transformações, o adolescente sente-se muitas vezes fragilizado, advindo a dificuldade para enfrentar a realidade na qual está inserido e em aceitar regras e padrões impostos pela família e sociedade. Nesse momento, se não existir um suporte familiar

estruturado, o adolescente poderá buscar nas drogas uma resposta para a solução de seus problemas.⁶

O bairro do Bom Jardim é caracterizado por ser composto por famílias de baixa renda, em grande desvantagem socioeconômica. A desigualdade social marcante e a significativa proporção de famílias que vivem abaixo da linha da pobreza resultam em escolaridade rudimentar, grande evasão escolar, empregos precários, convivência com índices elevados de criminalidade e falta de perspectiva de uma vida social estável e com futuro percebido como positivo.

“Nesse bairro meu filho começou a se modificar; passou a conviver com pessoas envolvidas com roubo e assalto, passou a ficar grosseiro e agressivo em casa.” (Maria das Dores).

“Só vivo aqui neste bairro porque não tenho para onde ir. Minha condição financeira é pouca, tenho que me adaptar e aceitar as condições [...] não temos nenhuma escolha.” (Gorete).

Fatores econômicos, políticos, sociais, culturais, demográficos e de história específica dos grupos familiares confluem para o desamparo, a confusão de valores, a aposta nas soluções de curtíssimo prazo, a perda da compreensão do passado como fonte positiva e do futuro como campo de possibilidades de gratificações e sucessos destes adolescentes. O que resta é aquilo que Zaluar¹⁴ denomina de “espaço de liberdade dos excluídos”, caracterizado pelo comércio da sobrevivência, na maioria das vezes ilegal, que, no limite, incorpora o roubo, a prostituição, o uso e a venda de drogas, numa ciranda perversa de vulnerabilidades.

A insegurança, o medo, a confusão de valores, as apostas no escuro e a imposição das gratificações imediatas configuram diferentes formas de lidar com um cotidiano de precariedades, formas que podem ir da virtude obsessiva de um adepto das igrejas evangélicas à dependência química de um “avião” do narcotráfico, passando pela maioria silenciosa de cansados batalhadores sobreviventes do dia a dia.

AMPARO NA COMUNIDADE

A entrada dos adolescentes e de seus familiares no MSMCBJ, segundo as falas, tornou possível outro percurso. Abriu-se uma porta para a compreensão, o acolhimento, o apoio, a gratificação e modificação de algumas dinâmicas familiares. As novas possibilidades viabilizaram resgate da autoestima, fortalecimento de novos vínculos e construção de um novo sentimento de amparo social, encontrado na comunidade prescrita.

“A comunidade está beneficiando meu filho e a mim. Estou em acompanhamento semanal; hoje me sinto amparada, me sinto com dignidade.” (Gorete).

“Graças a Deus, aqui é um local muito abençoado [...] Consegui que meu filho viesse para cá e aí melhorou o relacionamento em casa, comigo e com os irmãos. E eu também precisava, para aprender a lidar com ele, para entender tudo...” (Aparecida).

Os discursos expressam que o papel da comunidade é relevante, e que projetos sociais podem ser suportes necessários à conquista de compreensões, roteiro de interpretações, pauta de significados e vínculos sociais de pertencimento e cidadania. O atendimento à família na Comunidade do Bom Jardim, segundo os depoimentos, permite compreender os efeitos do sintoma “droga” no grupo e perceber como o comportamento da família repercute no adolescente sintomático, abordando o contexto geral em que estas interações têm lugar. A família, como toda instituição social, apresenta aspectos positivos, como núcleo afetivo, de apoio e solidariedade, mas também apresenta aspectos negativos, como a imposição de normas e finalidades rígidas, que se tornam, muitas vezes, elementos de coação social, geradoras de antagonismos e ambiguidades.

No atendimento familiar tem-se como objetivo procurar compreender o problema do ponto de vista da interação; é observar e explorar os efeitos que o sintoma, representado pelo comportamento de um sujeito (adolescente drogadicto), produz no grupo (família, vizinhança), tanto quanto já foi efeito de comportamentos, valores e carências da família, numa certa sociedade, regida por certa lógica de produção e distribuição de riqueza, produção e distribuição de poderes, produção e distribuição de signos e significados.¹⁵

Sobre o apoio recebido, as mães comentaram:

“Aqui no Movimento, modificou quase tudo, a minha vida melhorou bastante. Venho para os atendimentos, para que consiga aprender a lidar e compreender meu filho [...] Percebo que começou a modificar o relacionamento em casa. Estou percebendo menos brigas e discussões, me sinto amparada e tenho apoio [...]” (Eneida).

“Atualmente me sinto gratificada aqui na comunidade, tenho apoio na hora em que preciso, sou direcionada como tratar meu filho em casa; já consigo uma relação de confiança. Estou começando a acreditar nele e ele em mim [...]” (Maria José).

O sentimento de gratificação e apoio que se depreende dos discursos permite compreender-se que, após a vinculação aos atendimentos proposto pelo MSMCBJ, o novo ambiente possibilitou espaço de agregação, além de moldura para o ensaio de novos papéis e novas escutas. O discurso passa a incluir novos sentidos: amparo, compreensão, capacidade de superação e criatividade. As mães, âncoras de afeto e condições de sobrevivência, sentiram-se ancoradas e puderam ancorar.

A intervenção da comunidade junto aos familiares leva em conta as aderências do sujeito e da família.¹⁶ E é assim que a questão surge nos depoimentos.

“Passei por dificuldades, mas agora [tudo] melhorou, um pouco devido ao ingresso de meu filho aqui. Acho que vou conseguir ajudar ele, agora, com essa ajuda, estou envolvida no tratamento [...]” (Maria das Dores).

“Hoje, em casa, melhorou bastante. Estou no acompanhamento aqui na comunidade. Era discriminada pelo bairro e também pela minha família [...] mas estou tendo acompanhamento aqui na comunidade e estou aprendendo a ajudar meu filho e meu marido. É um local acolhedor [...]” (Rosa).

Maria das Dores e Rosa nos falam do amparo que faltava, uma folga, um refrigerio no meio das agressões. Elas podem se permitir à prática do otimismo. O destaque é para a organização de um discurso que muda da marginalidade para a doença, da segregação para o acolhimento, da punição para o esforço da co-responsabilização.

O abuso de drogas ilícitas e a dependência química constituem acontecimentos tipicamente urbanos e predominantemente jovens, mas de enorme extensão e que afeta a todos. Encarar o problema, tecer informações, participar de atividades criativas, exercitar o diálogo pedagógico ou terapêutico e encontrar um suporte social com potência estruturadora, pode fazer a diferença entre uma vida com ou sem sentido, plena, mesmo que de contradições razoavelmente entendidas, ou o vazio.⁶

As mães, sujeitos deste estudo, compreenderam a problemática da droga como crise social e como doença individual. Em certo momento, perceberam-se apoiadas e conseguiram avançar para além do sintoma, do medo, da impotência angustiada. O discurso da culpa foi relativizado e a vinculação com um projeto social, integrado a uma política pública de habilitação psicossocial, marcou a diferença entre o desamparo e a percepção da possibilidade de produzir projetos.

As famílias dos adolescentes dependentes químicos eram lideradas por mulheres abandonadas pelos companheiros, pais dos adolescentes dependentes químicos, ou pela

presença de pais alcoólatras e com mais de um dependente químico no grupo. Estas famílias estão, portanto, sujeitas a múltiplas carências, materiais e simbólicas.

O depoimento das mães, corroborado pelos registros do diário de campo, indicam grande pluralidade de sentidos para a droga, o abuso de droga, a dependência, o tratamento e o cuidado. O acolhimento no MSMCBJ parece ter tido potência suficiente para oferecer um sentido positivo ao universo vocabular, por meio de palavras como vínculo, amparo e gratificação, o que favoreceu a modificação das dinâmicas familiares e comunitárias.

Compreender a questão do uso e do abuso de drogas ilícitas significa dar sentido à complexidade das relações sociais e familiares, na qual estes comportamentos enraízam-se. Sobretudo entender o comportamento como uma síndrome sobre a qual se terá de atuar, mas também como sintoma de um processo social maior, também sobre o qual será necessário atuar.

A situação da família, dispositivo social respaldado em tradição, representativo do que não é mercado ou estado em nossa sociedade, precisa ser dimensionada em outros modelos investigativos, para que sejam respondidas questões tais como: Qual a importância do comportamento familiar na prevenção do abuso de drogas? Como esta importância se expressa? Em quais condições ela pode ser decisiva?

Diante dos problemas vividos pelas famílias estudadas, na perspectiva destas mães, visando o enfrentamento do fenômeno do abuso de droga, no caso, ilícita, fica evidenciada a importância de espaços públicos, comunitários, interdisciplinares, de atenção psicossocial, habilitados ao manejo da complexidade da microssociedade familiar, sem redução ao orgânico, ao crime e ao punitivo.

REFERÊNCIAS

1. Bruschini C. Uma abordagem sociológica da família. *Rev. bras. Est. Pop.* 1989;6(1):1-23.
2. Freitas LAP. Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad; 2002.
3. Poit ML. Drogas e adolescência. *Pediatria Moderna* 2002;38(8):65-78.
4. Carneiro C. Saúde/doença mental e trabalho. In: Inem C, Baptista M. organizadores. *Trabalho de Mulheres: construindo e reconstruindo identidades*. São Paulo: Editora Unesp; 1998. p. 21-37.
5. Schenker M. Drogados, indivíduo, família e sociedade: paradigma sistêmico. In: Schenker M. *Toxicomanias: uma abordagem clínica*. Rio de Janeiro: Sette Letras; 1997. p. 85-94.

6. Drummond MCC, Drummond Filho HC. Drogas: a busca de respostas. São Paulo: Loyola; 1998.
7. Minayo MCS, organizadora. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes; 1996.
8. Turato RE. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológico, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis, RJ: Vozes; 2003.
9. Sampaio JJC. Epidemiologia da imprecisão: processo saúde/doença como objeto da epidemiologia. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1998.
10. Victória GE, Knauth RD, Hassen ANM. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo; 2000.
11. Orlandi EP. Análise de discurso, princípios e procedimentos. 2^a. ed. Campinas, SP: Pontes; 2000.
12. Cruz MS, Ferreira SMB. Determinantes socioculturais do uso abusivo de álcool e outras drogas: uma visão panorâmica. Rio de Janeiro: Editora IPUB; 2001.
13. Freire, ZC. Drogas indivíduo e família: um estudo das relações singulares. [Dissertação]. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz; 1999.
14. Zaluar A. Violência dinheiro fácil e justiça no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2001.
15. Fender SA. A importância do envolvimento de familiares no tratamento de dependentes de drogas. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
16. Tedesco S. A prática da terapeuta ocupacional em farmacodependência. Rev. Centro Est. Terapia Ocup. 1995;1(1):50-2.

Recebido em 18.5.2009 e aprovado em 23.9.2010.